

INFÂNCIA E CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO EM *UMA APRENDIZAGEM OU O LIVRO DOS PRAZERES*, DE CLARICE LISPECTOR

Jenifer Ianof de La Fuente

CHILDHOOD AND THE CONSTITUTION OF THE SUBJECT IN *AN APPRENTICESHIP OR THE BOOK OF PLEASURES*, BY CLARICE LISPECTOR

LA INFANCIA Y LA CONSTITUCIÓN DEL SUJETO EN *UN APRENDIZAJE O EL LIBRO DEL PLACER*, POR CLARICE LISPECTOR

RESUMO

Este artigo propõe, mediante um diálogo entre psicanálise e literatura, um olhar sobre a infância e a constituição do sujeito no romance *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, escrito por Clarice Lispector e publicado em 1969, com base nos pressupostos teóricos de Lacan, Sauret, Erica Burman e Ilana Katz.

Palavras-chave: Lispector; Uma aprendizagem; infância; constituição; Lacan.

ABSTRACT

This article proposes, through a dialogue between psychoanalysis and literature, a look at childhood and the constitution of the subject in the novel *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, written by Clarice Lispector and published in 1969, based on the theoretical assumptions of Lacan, Sauret, Erica Burman and Ilana Katz.

Key words: Lispector; An apprenticeship; childhood; constitution; Lacan.

RESUMEN

Este artículo propone, a través de un diálogo entre psicoanálisis y literatura, una mirada a la infancia y la constitución del sujeto en la novela *Uma Aprendiz ou O Livro dos Pleasures*, escrita por Clarice Lispector y publicada en 1969, a partir de los presupuestos teóricos de Lacan, Sauret, Erica Burman e Ilana Katz.

Palabras clave: Lispector; Un aprendizaje; infancia; constitución; Lacan.

Este ensaio propõe, mediante um diálogo entre psicanálise e literatura, um olhar sobre a infância e a constituição do sujeito no romance *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, escrito por Clarice Lispector e publicado em 1969. A psicanálise estabeleceu desde

cedo relações estreitas com a literatura, uma vez que ambas se inscrevem culturalmente e lidam com a experiência humana veiculada pela linguagem, que constitui a dimensão simbólica.

Na obra *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, Loreley, ou Lóri, como é chamada, é uma professora primária que procura passar a vida sem dor (“A vida inteira tomara cuidado em não ser grande dentro de si para não ter dor.” (LISPECTOR, 2017, p. 56) e, ao evitar esse sentimento, renuncia a vínculos afetivos (“Então fechei-me numa individualização” (ibid., 130) e é consumida por uma angústia existencial (“Só com Ulisses viera aprender que não se podia cortar a dor — senão se sofreria o tempo todo” (ibid., p. 40). Ao conhecer Ulisses, um professor de filosofia que lhe coloca como condição para a realização amorosa o conhecimento de si própria e o fim de seu autoanestesiamento, a protagonista clariceana passa a empreender um percurso de aprendizagem que a levará a repensar sua relação consigo mesma e com o mundo, ao mesmo tempo que a aproximará de um feminino mais livre, em consonância com seu corpo.

Somente o lugar de falta a que Ulisses a conduz a faz deixar de tamponar a angústia que lhe acompanha. Dessa forma, pode-se pensar a peregrinação amorosa das personagens Lóri e Ulisses como uma metáfora da constituição do sujeito faltante, uma vez que é a falta que move o sujeito em direção à realização do seu desejo (LACAN, 1964). Ainda segundo Lacan, o sujeito se constitui no campo do Outro, imerso da linguagem e efeitos de operações da alienação e separação: “Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem de aparecer (ibid., pp.193-194).

Além da alteridade, outros fatores contribuem para a jornada de Lóri. É importante lembrar que a publicação do romance se insere em um contexto de contracultura, manifestações revolucionárias e feministas, que já se haviam iniciado anos antes na Europa e que repercutiram no Brasil. Além disso, no ano em que o livro foi lançado, o Brasil passava por um dos momentos mais delicados da ditadura militar: em 1968, foi instituído o Ato Institucional Número Cinco (AI-5), considerado o instrumento jurídico mais violento do regime militar. Assim, *Uma aprendizagem* é um livro libertário, que clama não só pela liberdade feminina, mas também de toda uma sociedade que tinha seus direitos cerceados.

Portanto, para entender o percurso ontológico pelo qual passa Lóri, faz-se necessário considerar o momento histórico em que ela está inserida, além de outras determinações exteriores, como sua classe social e seu gênero.

Da mesma forma, embora não tenhamos muitas informações sobre a infância da protagonista, sabemos que os marcadores culturais e sociais a atravessaram. Conforme argumenta Burman (2019), deve-se ter em consideração as singularidades e as condições culturais, materiais e sociais de cada criança. A autora, além de criticar uma visão tradicional que tende a ver as crianças como seres passivos e incompletos que precisam ser moldados pelos adultos, discorreu sobre os riscos de interpretar de forma unidirecional o sentimento de infância. Nas palavras de Ilana Katz: “Nesta perspectiva, ‘criança’ é o significante que conjuga os termos do desenvolvimento, as possibilidades do corpo e as determinações da época. Comporta, também, as diferenças de cultura e os efeitos da divisão de classes e de marcadores como raça, gênero e deficiência no interior de uma mesma cultura” (KATZ, p. 3).

Propomo-nos, pois, na esteira de Burman e Lacan, a observar como se dá a constituição como sujeito de Lóri no intervalo do romance e como sua infância – entendida como uma construção que deve considerar aspectos sociais, culturais e de gênero etc. – e sua família podem ter deixado marcas na constituição da personagem.

Lóri provém de uma família rica que, depois da morte da mãe, perde um terço da fortuna. Depois disso, ela se muda de Campos, no interior, onde morava com os quatro irmãos e o pai, para o Rio de Janeiro, com o intuito de morar sozinha e distanciar-se dos familiares, como fica claro em um dos seus diálogos com Ulisses:

Não sei o que você quer dizer, mas se é sobre minha família, tenho só pai e quatro irmãos. Não me dou com eles. Tentaram me marcar mas sempre foram gente de segundo plano na minha vida, e ainda mais em segundo plano ficaram quando perderam grande parte da fortuna e quase que a maioria dos criados. Aproveitei da confusão e vim para o Rio. [...]

— E quem era de primeiro plano na sua vida?

— Ninguém.

Lóri minimiza a importância e a influência de sua família, talvez em uma tentativa de negação. No entanto, algo nos fica claro: a moça buscou o isolamento, não apenas de sua família, mas também na relação com os demais, pois ninguém era prioridade em sua vida. Seu medo de se machucar era tão grande que ela não dava abertura para relacionamentos mais íntimos: “O que acontecia na verdade com Lóri é que, por alguma decisão tão profunda que os motivos lhe escapavam — ela havia por medo cortado a dor” (ibid., p. 43).

Essa “decisão tão profunda que os motivos lhe escapavam” parece corresponder a uma atitude inconsciente, cujas razões Lóri desconhece, resultado de múltiplas experiências que a constituem.

Pouco sabemos sobre a infância de Lóri, porém o romance nos dá algumas pistas sobre essa época e sobre sua relação familiar. Imaginamos que a perda da mãe tenha causado-lhe grande impacto, assim como a relação com o pai e os irmãos — notamos que ser mulher entre tantos homens também é um fator a considerar, bem como sua classe social. Inferimos que todos esses acontecimentos tenham deixado marcas em Lóri de alguma maneira, afinal, segundo Lacan, em *Duas notas sobre a criança*, o sujeito só pode ser pensado a partir da função paterna e materna: “o sintoma da criança se situa de forma a corresponder ao que há de sintomático na estrutura familiar” (Lacan, 1969/1998).

De acordo com o psicanalista, ainda, a família é um lugar de transmissão do gozo — o que ajudaria a pensar o gozo que atravessa Lóri — em virtude de sua tentativa de não sentir dor — e perpassa todo o romance. Como mencionamos brevemente, será o amor por Ulisses que possibilitará o encontro com seu desejo, uma vez que, conforme Lacan: “Só o amor pode fazer o gozo condescender ao desejo” (LACAN, 1998).

Se a família tem inegável impacto na formação do eu, ela não pode ser considerada a única responsável, nem a culpada — muitas vezes, uma visão comum trazida pela psicanálise. Assim, sob um viés psicanalista, seria muito comum buscar nos pais a culpa por Lóri haver se fechado ao mundo. No entanto, sabemos também que a intensidade das experiências familiares pode assumir maiores ou menores proporções. No entanto, entendemos aqui, assim como Sauret, que as crianças têm um papel ativo nas situações de que participam, respondendo ao lugar que lhes é designado, aceitando ou recusando, porém sempre transformando-o: “trata-se de uma resposta do real ao significante — quer ela seja feita de aceitação ou de recusa, o sujeito surge como consequência, levando a marca dessa recusa ou dessa aceitação” (SAURET, 1998, p. 16).

No fragmento de *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* a seguir, observamos uma menção importante sobre a infância de Lóri:

Lóri só tinha um medo: de que Ulisses, o grande Ulisses cuja cabeça ela segurava, a decepcionasse. Como seu pai que a sobrecarregara de contraditórios: ele a transformara ela, sua filha, em sua protetora. E ela, na infância, não pudera olhar sequer para o pai quando este tinha uma alegria, porque ele, o forte, o sábio, nas alegrias ficava inteiramente inocente e tão desarmado. Oh Deus, o pai se esquecia por uns momentos que era mortal. E

obrigava ela, uma menina, a arcar com o peso da responsabilidade de saber que os nossos prazeres mais ingênuos e mais animais também morriam. Nesses instantes em que ele esquecia que ia morrer, ele a transformava menina em Pietà, a mãe dos homens. (LISPECTOR, p. 130)

Lorelei, quando criança, não suportava ver o pai desarmado, vulnerável como ele ficava em seus momentos de alegria. Ela atua nessa situação e faz sua própria interpretação do que ocorria. Notamos também a atribuição (seria do narrador ou da própria Lóri) de certa culpa ao pai, que a teria designado como sua protetora, papel que deveria corresponder ao progenitor, e não à filha: “seu pai que a sobrecarregara de contraditórios”; “obrigava ela, uma menina a arcar com o peso da responsabilidade de saber que os nossos prazeres mais ingênuos e mais animais também morriam”; “transformava a menina em Pièta, a mãe dos homens”.

Pietà significa piedade, e é símbolo de devoção, de idealização. Pelo que nos conta o narrador, a relação de Lóri com o pai na infância pode ter influenciado em sua postura buscar afastar-se da dor — e, por consequência, da alegria também.

As marcas deixadas nas crianças não são instantâneas e elas provêm do Outro (“o puro e simples Outro equivale a toda a lei da constituição do sujeito (LACAN, 1964, p. 406), como já apontamos, no entanto, é a criança quem faz a leitura e a interpretação dessas marcas que recebe. Ainda segundo Sauret:

O sujeito não responde à psicologia do outro, de seu pai ou de sua mãe, embora exista uma tendência a considerar que determinado tipo de pai ou de mãe acarretaria ou levaria a tal tipo de sujeito. A psicologia toda está construída nessa ideia de tipologia, ou seja, "determinado tipo de pai + determinado tipo de mãe = a tal tipo de sujeito". Bom, bastaria então tomarmos as coisas por esse lado para percebermos que todos os indivíduos que tivessem um determinado tipo de mãe, um determinado tipo de pai, seriam equivalentes entre si. (SAURET, p. 51)

Dessa forma, podemos afirmar que, além de a constituição do sujeito se dar na alteridade, ela ocorre por meio de esboços, recuos e redefinições. O sentido e o valor das marcas podem ser reinterpretados, porém, o sujeito necessita fazer sua relação com o tempo para estabelecer um sentido a essas marcas. Isso significa que não se pode forçar ou adiantar isso: “Para essa marca assumir um destino, ela precisará se encadear com outra marca, que é efeito de outras experiências e mais outra [...]” (KATZ, 2021).

O sentido atribuído a essas situações vividas é, pois, resultado do encadeamento e da concatenação com outras experiências, que por sua vez deixam outras marcas. É por isso

que, na idade adulta, após o encontro com Ulisses, Lóri pôde revisitar e modificar a significação das marcas que atravessaram sua infância.

Quando criança, Lóri interpretou as marcas deixadas pela relação com seu pai de determinada forma, foi ela quem atribuiu significado a elas. Segundo Sauret, “Não importa o que induza o pai ou a mãe, a resposta do sujeito é a resposta do sujeito” (1998, p. 92). Adulta, ela foi capaz de revê-las, e, se antes tinha medo da felicidade, ela aos poucos foi-se permitindo abrir a esse sentimento: “A primeira calidez fresca da primavera... mas aquilo era amor! *A felicidade a deixava com um sorriso de filha*” (LISPECTOR, 2017, p. 122, grifos meus). É notório que, ao experimentar a felicidade, ela adquira um sorriso de filha, o que sentia haver-lhe sido roubado antes.

Segundo Ilana Katz, “É necessário que o sujeito lide com o que acontece, que sua experiência seja subjetivada, que o sujeito se tense para construir o seu lugar no momento, e o modo como isso vai se dar é radicalmente singular” (KATZ, 2021). Lóri conseguiu fazê-lo depois de uma difícil jornada de autoconhecimento: “Que é que eu faço, e de noite estou viva. Estar viva está me matando aos poucos, e eu estou toda alerta no escuro” (LISPECTOR, 2017, p. 115); “– Que é que eu faço? Não estou aguentando viver. A vida é tão curta e eu não estou aguentando viver.” (ibid., p. 130), que a possibilitou aproximar-se de seu desejo. Assim, essas indagações e esse sentimento de perturbação a impulsionaram a indagar suas demandas e restituir seu desejo.

Cabe lembrar que o processo de constituição de Lóri não termina no fim da obra, como nos revela o final inconclusivo e suspenso por meio dos dois-pontos finais, pois nossa constituição ocorre durante toda a vida, como postula Lacan. Assim, Lóri não está formada nem livre de suas marcas no término do romance, porém, atravessada por seu entorno, contexto, cultura, gênero e trajetória pessoal, apresenta-se mais consciente de si mesma, adquire maior consciência de liberdade íntima e social e constrói, ao mesmo tempo, um novo feminino para si, ressignificando suas experiências e marcas do passado, bem como suas relações — familiares ou não.



REFERÊNCIAS

BURMAN, Erica. *Fanon, Education, Action: child as method*. London: Routledge, 2019.

KATZ, Ilana. *As marcas da infância são indelévels? Critique em um instante*. Spotify, 2021.

KATZ, Ilana. *Infâncias contra hegemônicas para descolonizar a psicanálise*. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/infancias-contr-hegemonicas-para-descolonizar-a-psicanalise>. Acesso em: 28 de abril de 2023.

LACAN, Jacques. *O sujeito e o outro (I): A alienação (1964a)*. In: _____. *O seminário: livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. p. 191- 204.

LACAN, Jacques. *Seminário Livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 2017a.

SAURET, Marie-Jean. *O infantil e a estrutura*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 1998.